

A Ortiga.

Sou herba bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha,
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laémmerl, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 25, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brilo, impressor e edictor deste jornal.

O patriotismo, que dirige os illustrados Redactores da—Liga Americana—atrahe as sympathias de todo o Brasileiro, que ama a Patria, e não se vende ao estrangeiro. Parece-nos porém, que seos esforços não são dirigidos, como convem, para se alcançar o grande fim a que se propõem. Vamos dar as razões em que se funda a nossa crença.

Todos os bens, e todos os males, que hum povo experimenta, são produzidos pelo seo Governo; he só ao seo Governo, que o bom, ou máo estar de hum Povo deve ser imputado. Assim vimos os virentes louros, que ornarão a monarchia de D. José 1.^o, mancharem-se no reinado de D. Maria 1.^a, e completamente seccarem-se no tempo de D. João 6.^o. Em vão o espirito publico condemnava o marasmo, que atacava, e invadia todas as causas productoras da felicidade, e gloria nacional: a força governativa, que manchava essa gloria adquirida, e substitua a felicidade estabelecida, pela desgraça progressiva, lhe impunha silencio; até que finalmente o Povo se vio collocado na dura alternativa—de ser para sempre victima infeliz dos erros, e crimes dos mandões; ou de quebrar os laços sociaes, que lhe dictavão a obediencia.—O Povo escolheu o partido mais generoso: os laços forão quebrados.

Se pois o espirito publico não pode dictar ao Governo a norma de sua conducta, senão quebrando os liames, que prendem os Povos aos Governos, para que exaltal-o? para que esclarecel-o da incuria ou crimes de seos governantes, sem que primeiramente se procure conduzir estes ao seo dever? Para que excitar o espirito publico do Brasil, contra esses infames invasores, antes de se procurar conduzir o Governo á senda, que o seo dever, a Dignidade, e Independencia Nacional, e o interesse do Povo lhe mandão seguir?

O Povo do Brasil, bem como todos os povos, não vê a olhos enchutós, e a sangue frio a invasão Franceza: sangue frio, e olhos enchutos, elle não conserva quando divisa nas Partidas Regenciaes, na *intima amisade* com os chefes do Estado, o Representante dessa Nação!!! os olhos deixão de estar enchutos, e o sangue perde o frio quando observa a protecção decidida, que se dá aos subditos dessa Nação, que nos hostilisa, aggride, e nos trata de *barbaros*!!! Cioso da sua Nacionalidade, Independencia, e Dignidade, quando isto vê, e observa, negras suspeitas lhe cõão o peito!.... Sua opinião está formada; sua decisão será terrivel!.... O que resta, o que convem he evitar a explosão, fazendo entrar o Co-

verno no caminho, que deve trilhar. Com effeito, a conducta do Governo tem sido a mais condemnavel, e a que tem levado o Estado á abjeccão em que se acha. Exigia de nós a França — milhões — e o nosso Governo, para apparentar a necessidade de satisfazer suas exigencias, lança mão do meio o mais ignobil — que Rossin nos ameace de morrões accesos, se lhe ensina. — Rossin satisfaz; ameaça; e logo o Governo cumpre a promessa; faz o que queria fazer, e antes fizesse, sem nos fazer experimentar hum arrogancia tão ultrajante. Este facto, bastante para animar hum Nação menos atrevida, não tardou a ser seguido por outro ainda mais affrontoso. Um cidadão Brasileiro, e Brasileiro distincto, por seu emprego, he arrancado de sua casa, asilo que a lei do paiz declara sagrado, por tropa Franceza, e nas praias do Brasil, açoitado, como vil escravo! O espirito publico mostra-se irritado, como já pelo facto antecedente o fôra, e procura desafrontar a Nacionalidade offendida; mas o *bom* do nosso Governo, logo manda tropa contra os cidadãos que se achão juntos, em lugar de empregal-a contra aquelles que ultrajão o Paiz!..

Outros successos, ainda que de menor vulto, com tudo injuriosos ao Brasil, succederão a esses dous factos escandalosissimos, sem que reparação alguma fosse dada: o espirito publico, sempre que elles se succedião, se mostrou dirigido pelo patriotismo; e o nosso Governo por hum politica fraca, se não traidora; mas em todo o caso abominavel. Para que pois, tornamos a dizer, electrizar o Povo? Para dar occasião a que o nosso *bello* Governo lhe estenda nas costas o azurrague?

Porque razão não se *ferra o aguilhão* no Governo, para o tirar do lethargo, ou o metter no andamento, e caminho que devia seguir? He ao Governo que os illustrados de dictam a — Liga

Americana—se devem dirigir: ao Governo he que elles devem dizer — O Brasil já não pode soffrer a insolencia Franceza: vós, que devorais enormes quantias; que do nada fostes elevados á tanto; que tendes na mão os destinos do Estado, governai como deveis; se não (como disse o celebre ministro Portuguez) procuraremos quem nos governe. —

Se indocil a este aviso, o Governo continuar *teimoso*, e *birrento* na mesma senda, então pode ter lugar o appello, que agora achamos intempestivo. Então dirija-se o espirito publico; mostre-se-lhe o que tem a fazer: apóitem-se-lhe os exemplos daquelles Povos que — no mesmo abysmo tem lançado os estrangeiros invasores, e os Governos que os tollerão; — então.... esperemos para então, e diremos tambem o que convem fazer-se.

Julgamos que nossos collegas não nos levarão á mal esta pequena divergencia de modo de pensar. Ella nasce do horror que temos á anarchia: horror que só desaparece quando vemos, que só ella pode regenerar hum Povo, aviltado, por Governos execraveis!..

(Continuaremos.)

— Grandes subscrições, que montão já em contos de réis se achão em giro para os festejos do—Dia 2 de Dezembro do corrente anno.

Louvamos assás á todas as pessoas que se tem incumbido (si he que desinteressadas) de tornar brilhante, o mais possivel, o Dia do feliz Anniversario de S. M. O Imperador, á Quem ninguem mais do que nós acata e reverencia. Mas extranhámos sobre-maneira o silencio com que foi visto passar o—Dia da Independencia,—o memoravel SETE DE SETEMBRO! —A razão disto he clara, no nosso entender: S. M. I. tem gracas a distribuir, e por isso affectão desde já amal-o aquelles mesmos, que talvez o não amem como Monarcha

Brasileiro ; e o Dia—*Sete de Setembro*—não he huma Entidade, que distribua graças, remunerando lisonjas ! Entretanto, o—*Dia Sete*—he o primeiro Dia do Paiz ; sem elle não haveria Throno Constitucional, sem elle não haverião PEDROS, porque o Brasil não seria Nação. Mas tempo virá, talvez, em que todos, máo grado seo, o festejem mais do que a qualquer outro, se o Monarcha Americano pezar como deve o Dia da sua Patria, o Dia que trouxe no encadeamento de seos admiraveis successos o — 2 de Dezembro ! — então para comprazer ao Monarcha, os actos de triumpho, os canticos de saudação, os hymnos de familia se farão ver e ouvir em todos os lugares da Côrte, e da Provincia ; então o Monarcha, se fôr justo, como contamos que seja, dará Elle mesmo a prova dessa adhesão devida ao primeiro Dia do Seo Imperio ; e então, por adulação ou por medo, não haverão Camaras Municipaes, que deixem até de ornarem nelle com elegantes cortinas as janellas do edificio em que celebrem as suas sessões ; então ellas se appressarão a pedir *luminarias* (o que talvez não seja preciso) ; então algum seo delegado, por haver menospresado a Independencia, calcando aos pés o laço da Nação, que hospitaleira o affaga, nem por adulação ao Monarcha, nem á sua Côrte, terá satisfação para, apesar do pessimo habito da lisonja, dar provas de rigosijo nem ao Dia do Monarcha, nem ao Dia da Liberdade da Nação Brasileira ; porque..... falle o silencio !.....

Vem, ó salutar MAIORIDADE, vem, que tu serás o balsamo consolador que alivie o ardor de nossas feridas ! Vem dar ao povo já cansado de soffrer nulidades (mais para a Nação do que para si) a norma de sua perpetua felicidade, no Monarcha Brasileiro, que nós mais que ninguem havemos de-cantado, não agora no rapido crescer

de seos felizes annos, mas na sua infancia, quando huma só voz não se erguia para saudal-o ao amanhecer o Dia do seo Anniversario ! Vem, ó Dia, com ardôr esperado, pôr termo aos males que nos flagelão ; vem acenar com o ramo de oliveira aos povos do Brasil rebellados, e dar energia á teos novos governantes para sustentarem a tua dignidade hoje, mais que nunca, vilipendiada pelo estrangeiro, que recebe nosso dinheiro á troco de suas quinquelherias, e despreza-nos como selvagens, desprezando tudo o que he nosso.

Ora he bem certo — que na Patria não se he Profeta ! Entre nós se alguem dissesse—o Exm. Sr. Pedro de Araujo Lima he digno de huma Gram Cruz — de toda a parte logo perguntarião, porque ? que serviços fez ?

Em quanto porem assim fallarião esses espiritos recalcitrantes, que recebem o grande beneficio de serem governados por S. Ex. ; hum juizo mais consciencioso dos merecimentos do Exm. Sr. Pedro de Araujo, formão os Imperantes dos povos ainda mais remotos, e mesmo dos que existem fora do orbe terraqueo, onde de certo existe o rei de *Saldanha*, que o Diario do Rio diz ter conferido á S. Ex. a ordem de hum Santo.

Si esses espiritos recalcitrantes não fossem deslumbrados, pelos radiantes clarões dos distinctos merecimentos do Exm. Sr. Araujo Lima, elles verião, na munificencia do grande rei de *Saldanha*, a reputação da opinião desvantajosa, em que tem a S. Ex. ; porem desgraçados !... Semelhantes á borboleta, que, deslumbrada pelo brilho da luz, em torno della adeja, procura apagala, e sem que possa conhecer as propriedades do igneo fôco, que tem á vista, nelle se arroja, e abraza ; assim esses detractores se consomem, e fi-não, procurando denegrir merecimen-

tos, que lhes não he concedido podem apreciar!

Conceda-se vos porem, que S. Ex. não tenha feito serviços; porque razão não o achareis digno de condecorações, quando hum rei, delle independente, o acha digno dellas? Fez-lhe S. Ex. alguns serviços?... Perversos, perversos! bem vos ouço murmurar:—talvez desse reino venhão os soldados estrangeiros; talvez meditem allianças... Calai-vos, calai-vos, não acabeis!....

Não são só os serviços, que merecem galardão: as virtudes, mais do que tudo, delle são credores. No kalendario achareis os nomes de muitos canonisados, que não prestarão serviços á pessoa alguma; mas tiverão a virtude de viver em santa paz, e descanso celestial, tratando de seo corpo e de sua alma. No nosso distincto Senado, quantos são os que se assentão, por serviços que hajão feito?

Corrigi-vos pois, e sabeis que, bem á vosso pesar, vereis a S. Ex. ennobrecido, não só pelas Nações Estrangeiras, (inclusive a França) como pelo mesmo Brasil, quando este tiver a ventura de ver aniquilado esse principio democratico, que infeta as instituições patrias. Quando só a honrados aristocratas fôr dado sentarem-se nas Camaras Legislativas, e rodearem o throno, então vereis a S. Ex. elevado ao fastigio das grandezas, á que suas virtudes espantosas, e raros talentos o chamão! Vel-o-heis radiante, com vinte ou trinta insignias estrangeiras: vél-o-heis feito Conde, Marquez, e Duque!...

Zoilos, estremecei, rugi, mordei-vos! ! ! !...

REFLEXÕES PHILOSOPHICAS.

Diz a Constituição:—não haverá outra distincção mais do que talentos, e virtudes! Qual será a unidade com que se deverão medir estas duas cousas? A opinião? He mui adulterada medida: a riqueza? mui viciosa medida: a Phi-

losophia? Que idéas tem o vulgo da Philosophia?... Julga-se philosopho hum homem, que procura distinguir-se dos outros em cousas mui insignificantes; assim, philosopho, e homem singular, são as vezes confundidos pelo povo, que não penetra alem das apparencias, a quem fere o espectáculo de qualquer individuo, que se aparta das maximas ordinarias; ou que segue humma conducta opposta á dos outros; v. g., que renuncia ás riquezas, á grandeza, á representação. O philosopho, he verdade, que quasi sempre he obrigado a se apartar das opiniões vulgares; porem nem todo o homem que tem idéas não vulgares he philosopho, por isto: he só o amor da verdade, e a cultura das sciencias, que mais concorrem a descobrir a verdade, quem dá direito a esse titulo. Isto não se pode conhecer bem senão pelos escriptos, e publicações de idéas, que mereçam a attenção dos sabios; e por descobertas nas sciencias exactas. A maior parte das opiniões dos homens, são hum tecido de extravagancias, e loucuras, que sendo adoptadas conduzem por fim, á desordem, á desgraça, e á miseria publica. Com effeito, grandes vantagens, e prosperidades se promettem, em adoptar certas opiniões, mas por fim, ellas tem servido sómente para locupletar alguns, e esbulhar as classes mais necessarias, e mais trabalhadoras da sociedade.

Muitas promessas de riquezas, e de prosperidades se tem feito; melhorar as finanças; aliviar tributos; fazer a felicidade da massa geral da nação, &c. porem o contrario he o que se deve esperar, em quanto *cameliões* politicos tomão mascaras para se accommodarem á todas as circunstancias. Elles espreitam a opinião publica, ou mudão a sua vontade, segundo esta, mas sempre ficão na scena para tirar partido; o seo merito, e o seo genio he saberein intrigar, para apartar os outros do lu-

gares á que elles aspirão, elles por fim tem a baixeza de serem aduladores desprezíveis daquelles que se achão no poder, e como estes lhe dêem ouvidos, ficão fora da representação os que tem a nobreza de não adularem, ou que se fião no seu proprio merito! Outros se servem das magicas palavras —*amor da patria, amor da liberdade*;— porem subidos á tribuna, ou ao poder bem de pressa mostrão, que não era o amor da patria, mas sim o do interesse, quem os dirigia, (com algumas honrosas excepções) e como a instrucção vulgar, não he muita, ou não he muito espalhada; basta saber-se fallar de modo que illuda, e com alguma esper-teza, para fazer fortuna; huma vez que não são as publicações, os escriptos, os serviços, os estudos, a boa conducta, e a idade que sirvão de unidade da medida de *virtudes e talentos*. Por tanto estas ultimas palavras da Constituição, não sendo bem definidas, como o não são muitas outras, accommo-dão-se ás diversas opiniões, a verdadeira philosophica consiste parte em huma lingua bem feita, que dê noções exactas dos termos de que se usa, a fim de obter idéas exactas. Disto nos occuparemos nos nossos escriptos, como nos temos occupado continuamente nos estudos apropriados, mesmo quando ja estávamos fora da carreira do ensino que por muitos annos exercitávamos. Sr. Redactor, se lhe parecerem uteis estas reflexões, queira publical-as na sua estimada folha.

O constante leitor.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor. — Como vejo diariamente, sob o titulo — Declarações — hum enxame de annuncios: — A Intendencia da Marinha quer. — A Intendencia da Marinha ajusta. — A Intendencia da Marinha compra, &c. — Pergunto ao probo Sr. Ministro respectivo,

porque não manda, como os outros, annunciar que — A Intendencia da Marinha PAGA? — Isto encheria de prazer á innumeras familias que chorão a falta do pão que d'ali lhes vem, e pela qual são obrigadas a beijar os degrãos dos *philantropos* rebatedores, afim de matarem a importuna fome! e S. Ex., que tem se mostrado ultimamente tão recto, e, sobre tudo, parecendo querer seguir a norma que lhe deixou o Immortal Fundador do Imperio, de — *ser inimigo das delapidações*, o que foi imitado pelo activo Sr. Salvador José Maciel, faça tambem o que nesses felizes tempos se praticava, que era — Mandar, que nos primeiros dias de cada mez se pagasse o salario á quem trabalha. — Isto daria mais nome, mais força moral á S. Ex., e o faria querido de todos. Quem tem dinheiro para tudo *comprar*, tambem o deve ter para *pagar*, tanto mais que não he por falta de dinheiro, que se deve tanto, e tanto!... principalmente a folha mensal. Lembre-se S. Ex., que — sacco vazio não se põe em pé. Sou, Sr. Redactor, *O inimigo dos máos costumes.*

Hum *Libello famoso* acaba de ser publicado, com o titulo de — Discussão no Senado e Camara, &c. — Quem será o auctor? Nós recusamos acreditar que ao Sr. Pedro de Araujo Lima; ao seu mestre de Alemão, celebre ex-Fisico mór do tyranno Miguel, o Doutor Gamma; e ao Abbade Fabrini, se deva semelhante trabalho.

Não desconhecemos que, as multiplicas allegações do Direito Canonico, mostrem o *dedo* de algum professor na materia, e que, por isto, algum fundamento pedesse ter a, por nós regeitada, cooperação do Sr. Araujo Lima; não desconhecemos que, só vassallos do Rei Miguel podião desencantar, no dictionario dos termos *patifes*, aquelles de que esse papelaxo abunda: não desconhecemos que, a lingoagem in-

correcta, abastardada, e mestiça, ali empregada, com bem razão podia ser attribuida a esse Italiano, que só abomina o Portuguez; apesar de tudo isto porem, recusamos acreditar que, pelo menos, o Sr. Araujo Lima concorresse para hum obra, onde se ultrajão membros do Corpo Legislativo, fossem quaes fossem as inimidades, que existissem entre S. Ex.^a e aquelles Senadores.

Supponha-se porem, que essa obra fosse escripta pelos Srs. Gama, e Fabrini; perguntamos: julgariao esses estrangeiros que o Brasil applaudiria nunca as perfidias, que em tal negocio se empregarão? Julgariao esses estrangeiros, que o Brasil pode ser convertido em patrimonio da Curia Romana? Se assim pensassem, muito se illudião!

Por mais alta que fosse a cathedria do protector desses estrangeiros; por mais elevado que estivesse o Representante dos principios ultramontanos no Brasil, seo apoio seria bem fraco, para que esses estrangeiros podessem levar ao cabo projectos taes, que lhes hajão sido confiados. Com o apoio mesmo desse ultramontano exaltado, jámais se conseguiria que, hum Sacerdote Brasileiro sendo proposto para o Bispado, se submettesse vilmente á ser examinado em *Canones* ou *Theologia* por hum misero delegado do Papa!

Não apertem muito os antores, e executores de tão iniquos projectos a cravelha!... quando se leva a corda á hum tensão superior á que lhe he propria, estalla, e rebenta!....

Em outra occasião voltaremos ao tal *Libello famoso*.

Carta dirigida á Mr. Sofestigão pelo seo compadre Cazuza.

Ah! meo amigo! Que novidades por cá vão! Apreste os ouvidos, faça-se todo em orelhas, e ouça-me.

Estrondoso baile acaba de ter lugar nesta Côrte em honra dos annos do

Sr. D. Miguel 4.^o. O mundo do grande tom afiambrrou-se do seo melhor; o madamismo do Rio de Janeiro vestio suas vestes de gala, calçou seus capatos de setim, e deo á amostra todos os seus brilhantes, e ricos adereços de oiro. D. Miguel, lá da cidade Santa devia palar de contente, porque sem duvida que em si teria o presentimento dos festejos, que nesta terra do filho do seo irmão pomposamente se prepararão em sua honra — e quem foi a alma, a vida, o pensamento de semelhante festa? O Ministro residente de sua Sobrinha, dessa á quem elle pretendia roubar o sceptro, e a corôa! E digão agora que não ha transacções politicas, que não devem haver conciliações diplomaticas! Em quanto em Hespanha, Maroto e Espartero se dão as mãos, e se abração fraternalmente, o Sr. dos Moirões Figanière, Diplomata de Maria 2.^a, festeja os annos de D. Miguel! Verdade he, que não pôde ter lugar o baile no mesmo dia do anniversario, 26 de Outubro, e só sim no dia immediato 27; isto porem nada tira á gravidade e intenção do facto. por que os longos e necessarios preparativos se não poderão concluir todos, como se desejava, tendo sido o digno Sr. dos Moirões obrigado — bem máo grado seo — á transferir o dia, fazendo-o participar aos convidados por novas cartas, pois que as primeiras marcavão a noite de 26!!!

Hum baile em honra dos annos de D. Miguel! Note o meo amigo Sofestigão, que barulho, e estrondo não havia causar nesta Côrte; era o primeiro. Tudo por consequencia tomou nova face: huns acreditarão que seria fantasmagoria; outros o tomarão por comedia e fôrça; estes pensarão que seria mascarado, por isso que os tyrannos gostão de mascarar o povo, embrutecendo-o, e subjugando-o; e outro não foi o systema governativo de D. Miguel. Aquelles emfim julga-

rão lá em seus botões, que isto de diplomatas não passando de *mesurciros*, dava-se o baile unicamente para se fazer *mesuras*.

Como não se augmentou o espanto dos convidados, quando entrando na sala do Casbrio do Sr. dos Moirões, virão-a despovoadas de cadeiras, e tapetes, sem signaes que affiançassem grandeza, sem indício que demonstrasse *apparato*!—A modestia he grande nos corações diplomaticos. Mas

..... Aux ames bien nées
La valeur n'attend pas le nombre des années.

La estava postado, para conservar a *civilidade*, e a *decencia* publica e privada, elevado ao posto honroso de mestre sala do Sr. dos Moirões, o insigne diplomata, Mr. Klingelhoefser.

Conhece-se o gigante pelo dedo!

Havia por consequencia provas exuberantes de que a cousa devia ser grande, e a festança digna de quem a dava, e que tão atrapalhado andara nas vespers á correr a rua do Ouvidor á comprar *canequinhas* baratas para os famosos refrescos.

Eil-o que chega o momento feliz!—Apreste-se, gente.—Eia, venha a musica!—Piano, *tim tim*, lá vai contradança; e a acompanha hum fagote, e hum rebeca de barbeiro da rua da Valla. E o Sr. dos Moirões estremecia de contente, pinoteava, e até dançou....—divinamente... Oh! les—Il Signor Figanièri Figanierini Figanieroni valsa superbamente—Per Baccho! ainda que quasi sempre cahe no chão com dama e tudo—arreja a carga, por outra—isso porem não he ignorancia, he fraqueza de nervos.—O sangue Portuguez lhe não gyra nas veias, conhece-se isto á *cent lieux à la ronde*.—

Isso he mangação!—Dizião entre dentes alguns convidados. Eis que vem vinho, e licores de 320 a garrafa.—Mim bebe á saude de systema politico Inglez, que persegue negras novas

Grita do centro esfogueado S. Ex.—E como, que a alma lhe sahia pela boca fora dos bofes—que entre nós elle a tem nos bofes.—E o chá? qual chá; apparececo hum especie de *furofa* quente com bolinhos seccos, e fatias tostadas. E nada mais, e assim se acabou o baile em honra de D. Miguel, e com especial prazer de todos.

Que venturas que não teve S. Ex. nessa noite de delicias, prazeres, e voluptuosidades!... No seo leito, depois do baile, ainda elle dançava, e saltava.—Deo-lhe a furia para ali, agarrem-o lá!—Foi o seo primeiro baile, o seo primeiro filho, a sua primeira obra que mostrava bem assemelhar-se com seo autor. Vale hum reino. Marcou-se com o baile 2 tentos; hum para a Rainha de Portugal em favor da conciliação, e outro para D. Miguel em favor de serviços prestados.—O peor he que dizem, que o dinheiro sahira do deposito do Banco Commercial, aonde se achava até a decisão do Governo Portuguez, que deveria dizer á quem elle pertencia, e o Sr. dos Moirões tomou por si a decisão, e levantou o deposito em seo favor!—Isto porém são negocios particulares, não he bom por consequencia fallar nelles.

Quer, meo amigo, mais novidades? Nada, não estou para isso. Basta por ora, adeos, e viva D. Miguel!!!

Seo compadre Cazuza.

Diz-se, que brevemente chegarão á esta Côrte seis mil soldados Francezes, com o especioso pretexto de *refrescar*. Nós, que tão justos motivos temos para desconfiar dos taes senhores, perguntamos: deixal-os-ha o nosso *bello* Governo entrar em nossos Portos?

Se elles não vem chamados pelo Governo, para formarem *essa força estrangeira*, que elle tão afincadamente pediu, e lhe foi concedida por dous votos! ..., e com que se quer sustentar,

não temo então o Governo que elles fação desta capital esse double poste — que o Sr. Lopes Gama disse no senado, que elles querião estabelecer?

Brasileiros, alerta!... desconfiai de taes hospedes!... Elles já estão de posse de parte de huma provincia do Imperio; já tem postos militares ao Sul do Brasil; e quando assim nos aggridem e fallão em — double poste, — seos Batalhões procurão a Capital do Imperio!.. Brasileiros! alerta!...

ORTIGADAS SELECTAS.

— O nosso Governo não dorme: a patria está salva: fizeram-se Monsenhores e Conegos, — que mais he preciso?

— Os Conegos que envelhecerão no serviço, forão preteridos; mas que importa se o Silveira tem influencia na sua Provincia, para onde foi com seis mezes de licença, e os vencimentos!

— Referindo o festejo anniversario do Instituto Historico, diz o Jornal do Commercio, que — apenas o Exm. Regente tomou assento na sala, logo o presidente abriu a sessão, e a musica tocou o — Cavallo de Bronze. — E que tal?....

— Corre por certo, que a Administração vai soffrer algumas alterações. Diz-se que o Sr. Luiz da Cunha Moreira será nomeado Intendente; o Sr. Caminha, Ministro da Marinha; o Sr. Jacinto, Embaixador junto do Paraguay; o Sr. Manoel Alves Branco, Embaixador para a Turquia; e para Ministro da Fazenda hum dos illestres *afins* do Exm. Regente.

ORTIGAS DIPLOMATICAS.

— O Sr. dos Moirões Figanière, apenas partio para Lisboa o Sr. Moreira, correu ao Banco Commercial, aonde se achava depositada a metade dos emolumentos consulares ás ordens do Governo Portuguez, que deveria decidir si pertencião ao ex-Consul, ou ao Ministro, que os cobicava desen-

freadamente, e levantou-os do deposito, sem esperar a decisão do governo. Eis aqui a explicação genuina das ultimas ortigadas, que lhe attribuião as palavras dirigidas ao Sr. de Cabrota, á quem pedia dinheiro dos *meias-caras*, *rendimento bruto*. Consta que fora o Sr. de Kliglehoeffer, com quem fez as pazes depois do facto das *calças brancas*, quem lhe ministrára o precioso conselho de apoderar-se do que lhe não pertence, sem decisão do governo de S. M. Fidelissima.

— Para que foi o dinheiro do ex-Consul levantado do banco pelo Sr. dos Moirões? — Respondem alguns abilhudos, que em tudo dão regras — Foi para Mr. de Sofestigão Figanière dar hum baile em honra do anniversario de D. Miguel. O Sr. de Kliglehoeffer applaudo, como *metedico em politica diplomatica*, tão luminosa idéa, por isso que elle, como seo digno irmão — *polidos moções!* — sempre forão miguelistas pela raiva que teem á Portugal e á Portuguezes.

— Perguntando-se ao Sr. ... OFFICIAL MAIOR si lhe era permittido andar sempre de Correio ao lado, e até fazendo com elle visitas particulares, quando seo respectivo Ministro, por não ser *basofio*, nunca queria essa distincção; consta que S. S. respondera: calem-se, que estou me acostumando para quando chegar a minha vez. Que desgraça!!!

— Ignacio José Ferreira faz sciente aos Srs. Croatá, Sendidi, Mamão vermelho, do Ceará, e á seo amigo da Banca do Peixe, que, se alguma vez lhes comprou algumas *sardinhas*, sem pagar, queirão apresentar-lhe suas contas. O anunciante faz esta declaração, por lhe constar que estes Srs. em suas reuniões satyricas da vida particular dos habitantes do Castello, onde o anunciante reside, teem por vezes fallado em *sardinhas* á seo respeito.